

A obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha é uma importante obra no rol de produções literárias do Pré-Modernismo na literatura brasileira, pois propicia o entrelaçamento entre ciência e arte. Mesclando as teorias sociológicas mais em voga da Europa na virada do século XIX para o século XX, o livro aborda questões de alta complexidade para a cultura brasileira. Dentre as principais, podemos citar a miséria e a chacina promovidas pelo governo nos sertões da Bahia, a raça e a mestiçagem que constituem o povo brasileiro, a cultura popular e religiosa que compõe a identidade dos sertanejos, a geografia peculiar do sertão, entre outros.

Os Sertões apresenta uma compilação dos artigos de jornal elaborada pelo escritor entre 1897 e 1902 sobre a paradigmática Guerra de Canudos (1896-1897), acrescida de sua crítica revisionária sobre os acontecimentos, sobre seus escritos e, sobretudo, sobre seus posicionamentos. Como correspondente do jornal o Estado de São Paulo, responsável pela cobertura do citado conflito, Cunha, um verdadeiro entusiasta da instauração da República em nosso país, em suas primeiras reportagens, não esconde sua excitação com as possibilidades que poderiam advir da modernidade dessa nova forma de governo no Brasil. Todavia, o que havia sido motivo de comprazimento se dissipa, tão logo Euclides percebe a truculência e a crueldade no tratamento destinado aos canudenses pelo Exército e pela Nova República, em contrapartida com as características e as atitudes do povo sertanejo, dignos de exaltação por sua resistência, por sua coragem e por sua iniciativa de criar por si mesmo melhores condições, dada a completa ausência do Estado na região anteriormente ao conflito. Esse panorama finissecular nacional foi retratado pelo escritor, bem como uma descrição elaborada da fauna, da flora e das especificidades do sertão. O livro, além de influenciar toda uma gama de escritores subsequentemente, apresenta contribuições para diversas áreas de conhecimento como história, geografia, sociologia, psicologia sem, contudo, relegar a segundo plano seu caráter de obra literária.

O que buscamos até aqui foi traçar um breve panorama acerca da importância de *Os Sertões* para a cultura brasileira como obra literária e científica, pois revisa um momento emblemático, tanto porque marca a transição do século como porque marca a mudança da

¹ A autora é doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, é discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET-UFC) pela Universidade Federal do Ceará e da primeira turma do curso de Letras Inglês-Segunda Licenciatura (EaD) pelo IFES.

forma de governo do Brasil. O que indicava a princípio que seriam melhorias que adviriam com a modernidade, no caso de Canudos, provou-se como uma decepção, a tal ponto do livro de Euclides da Cunha ser considerado por ele mesmo como uma amarga denúncia, um livro vingador. Por esse motivo, não é exagero afirmar que o próprio livro e seu autor apresentam uma dimensão ética na maneira de apresentar os sertões, os sertanejos e o conflito em Canudos. O escritor paga para publicá-lo não à toa, já que apenas as notícias do jornal não transmitiam a totalidade do que o autor gostaria de expressar sobre o ocorrido.

Nesse contexto, devemos acreditar que o debate acerca da ética da tradução no caso dessa obra ganha dimensões mais profundas, já que essa dimensão ética atravessa a própria composição do livro. É preciso que o tradutor compreenda essa camada de sentido para que transmita o conteúdo sensível que Euclides da Cunha buscava difundir por meio de sua obra. O que procuraremos discutir aqui é como essa abordagem que o autor destina ao sertão exige do tradutor não uma tradução literal da obra, mas um olhar mais atento. Esse olhar mais cuidadoso está intrinsecamente entrelaçado com a ética da tradução pois “o objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado à letra da obra” (BERMAN, 2007, p.70). Para estar conectado com a letra da obra *Os Sertões*, é necessário que os tradutores contribuam para a revivificação não apenas das palavras de Euclides, mas também do ponto de vista crítico que ele buscou inserir em seu livro.

A fim de verificar como os tradutores da referida obra lidam com os desafios teórico-metodológicos e éticos incutidos nessa tarefa, utilizaremos como *corpus* para nossas análises as traduções *Rebellion in the Backlands* (1944) de Samuel Putnam e *Backlands: The Canudos Campaign* (2010) de Elizabeth Lowe. Em um primeiro momento, vamos atentar para os contextos sócio-históricos do autor e de seus tradutores para compreender porque Putnam e Lowe selecionaram *Os Sertões* para traduzir. Em seguida, vamos refletir sobre as relações entre contexto sócio-histórico e a dimensão ética da tradução. Por fim, por meio de análises dos exemplos que extraímos das obras traduzidas, procuramos observar algumas opções teórico-metodológicas de cada um desses tradutores e refletir sobre como essas opções também se relacionam com a ética da tradução.

Aspectos éticos e sócio-históricos de *Os Sertões* e de suas traduções: Recontextualização da obra traduzida

Compreendemos que a questão da ética atravessa a tarefa da tradução em diversas instâncias, desde a decisão entre uma palavra ou expressão por aquela ou outra à escolha do autor e da obra a serem traduzidos. Nesse ínterim, quais condições ou contingências sócio-históricas podem afetar essas opções? Qual a pertinência da interação entre uma obra traduzida (e retraduzida) e a nova conjuntura na qual o tradutor busca inseri-la? Elizabeth Lowe, responsável pela retradução da obra de Euclides, em *A tradução sem fronteiras: perspectivas internacionais sobre práticas em transição na teoria e pedagogia da tradução* (2014) afirma que “*through constantly shifting contexts translation makes possible a series of new “originals” that will acquire relevancy to new contexts*” (LOWE, 2014, p.414). A relevância que a obra traduzida (ou, como explicita Lowe, novos “originais”) vai adquirir em um novo contexto é um dos pontos que procuraremos discutir para, mais adiante, refletir acerca da influência do tradutor na canonização de um determinado autor ou obra. Além disso, o que buscaremos analisar na tradução executada por Putnam, *Rebellion in the Backlands*, e na retradução de Lowe, *Backlands: The Canudos Campaign*, é se os tradutores logram ao traduzir a camada crítica que Cunha deposita em sua obra e se essa camada crítica interage com seus próprios contextos sócio-históricos, convocando-os à dimensão ética da tradução.

Em primeira análise, podemos constatar que Samuel Putnam estava ciente do vanguardismo de Cunha, pois afirma em seu prefácio “*in certain aspects, as in his attitude toward the inhabitants of the backlands, he was in advance of his age*” (PUTNAM, 1944, p.xiv). Euclides estava à frente dos intelectuais de sua época pelo seu projeto ético de atuar como crítico das instituições de poder atuantes (ou omissas) na conjuntura que culminou no massacre da população de Canudos. Essa dimensão ética enredada na obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha trata-se de responsabilizar instâncias como o estado, a igreja, o exército e a imprensa pela tragédia descrita em seu livro. Tendo feito parte do exército e da imprensa, a decepção do autor não poderia ser maior. As consequências e as críticas acerca da publicação de *Os Sertões* poderiam ter sido negativas, mas, ainda sim, Euclides obteve sucesso com o lançamento de sua obra. Contudo, não podemos esquecer que, já nessa época, se ainda não era um importante autor na literatura brasileira, era um proeminente intelectual, ex-militar, engenheiro da Secretaria de obras do Estado de São Paulo, filiado ao Instituto Histórico e

Geográfico e colaborador de um dos mais importantes jornais da época. Portanto, sua opinião pública era de relevância para a sociedade.

Após discutirmos brevemente sobre o projeto ético de Euclides da Cunha, acrescentaremos mais uma perspectiva ética e sócio-histórica acerca do autor e da elaboração de seu livro. Outra importante questão nesse ínterim é a consciência intelectual e crítica de Cunha que percebe as limitações das teorias sociológicas europeias que não davam conta de analisar os sertanejos. Esse aspecto ético, deve ser percebido como uma ruptura em relação aos paradigmas e aos saberes advindos da Europa naquela época, pois ideias como civilização, progresso, modernidade (provenientes de correntes de pensamentos como o evolucionismo e o positivismo) eram insuficientes para ponderar a respeito da tragédia histórica de Canudos. Euclides estava, de fato, como constata Putnam, à frente de seu tempo, principalmente se considerarmos que, ao final do século XIX, a maioria dos países americanos ou ainda estava sob domínio de países da Europa ou estava em um lento e frágil processo de emancipação da sua condição colonial e de busca da sua autonomia intelectual. Assim sendo, contemplar o que estava além das limitações epistemológicas das teorias europeias era um outro desafio ético de Euclides, que como pesquisador foi capaz de reconhecer que as teorizações com as quais lidava em seu livro não eram capazes de abranger as singularidades dos sertanejos. Esse era o panorama sócio-histórico finissecular no qual estava inserido Euclides da Cunha, que teve toda sua educação influenciada por pensadores que utiliza como referências em seu livro, mas que, no entanto, não conheciam as condições dos sertanejos, cabendo a Euclides a tarefa de inseri-las na literatura brasileira naquele momento.

Já as contingências sócio-históricas que contextualizam a primeira tradução da obra de Euclides da Cunha para a língua inglesa são bem diversas. *Rebellion in the Backlands*, tradução feita por Samuel Putnam, foi publicada pela University Chicago Press em 1944 e em 1945. Putnam já era conhecido pela sua tradução da aclamada obra literária *Dom Quixote*, gozava de reconhecimento acadêmico e buscava estabelecer-se como um estudioso da literatura e da cultura brasileira na época. Nesse contexto, a “tradução de Os Sertões encaixa-se no âmbito universitário, como uma tradução explicativa e uma edição crítica” (MILTON, 1997, p.183).

É relevante destacar que naquele momento era de interesse das editoras promover a tradução de obras literárias dos países latino-americanos, tendo em vista as práticas da

Política de Boa Vizinhança que visavam a aproximação dos Estados Unidos com as demais nações do continente. No ano de 1945, o Brasil já havia cedido às pressões do governo americano e aderido à Segunda Guerra Mundial, enviando seus primeiros combatentes para a Itália. As contingências de ordem política e econômica dos EUA nesse momento fazem com que seu objetivo seja promover a sua imagem e os seus ideais, tais como a democracia e o liberalismo, que só seriam alcançados por meio da guerra. Putnam encontra uma oportunidade em seu prefácio para comentar como a violência dispensada a Canudos pode ser comparada com dois momentos particularmente violentos da história dos Estados Unidos: a Segunda Guerra Mundial e o genocídio das populações nativas. Em suas palavras, “*in this connection we North Americans well may think of our own Indian wars of the early days*”(PUTNAM, 1944, p.v).

Ao compreender que a obra de Euclides da Cunha em sua dimensão ética serve como uma denúncia à violência cometida pelo governo contra seu próprio povo em nome de ideais e equiparar o episódio de Canudos a um evento da própria história estadunidense (um outro claro exemplo de violência contra povos que não tinham assistência e nem efetivos meios de defesa), Samuel Putnam demonstra perceber a dimensão ética imbuída no livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha e busca também explicitar a intransigência do governo de seu próprio país.

Em segunda análise, temos as condições sócio-históricas nas quais Elizabeth Lowe estava inserida no processo de retradução e publicação da obra *Os Sertões* intitulada *Backlands: The Canudos Campaign* no ano de 2010. Lowe obteve o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras (justamente no ano de lançamento de sua retradução de *Os Sertões*) por sua contribuição com a tradução de diversos autores e obras brasileiras para a língua inglesa. Para esmiuçar as condições sob as quais traduzia Elizabeth e desvelar as relações internacionais estabelecidas pelos Estados Unidos naquele momento, especialmente em relação ao Brasil, devemos retroceder no tempo. Um ano antes do lançamento da retradução da obra de Euclides, em 2009, o presidente dos EUA, Barack Obama, ao receber o Nobel da Paz, defende o envio de mais tropas ao Afeganistão demonstrando que os EUA ainda agiam em favor de ideais que buscavam travar a guerra com a promessa de promover a paz. Contudo, esse mesmo presidente, no final de dezembro deste ano, chora a morte de 20 crianças vítimas de um atentado violento em uma escola primária e promete medidas para suprimir a violência à mão armada. Disposto ao recrudescimento da violência em outros países em nome da liberdade, o governante demonstra nesse episódio que, a princípio, não pretende repetir o feito dentro de seu próprio país. Ainda assim, sua atitude com relação ao

Afeganistão pode ser colocada em paralelo com o próprio conflito de Canudos e com a denúncia da violência da guerra contra os povos nativos norte-americanos, como suscita Samuel Putnam em seu prefácio. A perspectiva ética e crítica aqui trata-se de perceber que a utilização de ideários como o progresso, a modernização e a liberdade para apoiar uma guerra desproporcional contra os menos favorecidos, ainda que sejam populações de outras nações, é um equívoco. Nesse contexto, colocando em foco especificamente as relações internacionais do governo estadunidense com o governo brasileiro, no mesmo ano, Obama, ao elogiar o presidente brasileiro Lula em reunião do G20, ampliou a visibilidade do governante e de seu país, dando sinais de uma aproximação entre essas duas nações.

Para Elizabeth Lowe: “*policies of translation between the US and Latin America have been a reflection of power politics and construction of identities in the region*” (LOWE, 2016, p.24). Ao explicitar que as políticas estadunidenses afetam na construção de identidades das demais nações do continente americano, podemos presumir que também Lowe estava atenta para a dimensão ética da tradução de Putnam e de sua retradução pois coloca em evidência essas relações políticas que resultam de relações de poder assimétricas entre nações. Sob esse viés, refletimos sobre as associações entre tradução, influência e dominação estabelecidas pelos vínculos dos Estados Unidos com os países latino-americanos. Não podemos perder de vista que o próprio Putnam já havia explicitado a intransigência do EUA com os povos nativos que foram dizimados por uma política de intolerância com o outro e suas diferenças. Nessa conjunção, para evitar que a tradução também implique em uma violência, o desafio para traduzir vai além do teórico-metodológico e “o ato ético consiste em reconhecer o Outro enquanto Outro (BERMAN, 2007, p.68)”.

Sobre o assunto, Antoine Berman em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* informa-nos que “a tradução, com seu objetivo de fidelidade, pertence originariamente à dimensão ética. Ela é, na sua essência, animada pelo desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua. (BERMAN, 2007, p.69)”. Ao atrelar a questão da ética à questão da fidelidade, ele discorre em seu texto acerca das possibilidades teórico-metodológicas para traduzir. Berman vai argumentar que uma tradução ética não poderia ser resultado de um grupo que busca se impor sobre outro grupo pois gera o que ele chama de “tradução etnocêntrica”. Avessa à tradução ética o

etnocêntrico significará aqui: que traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela - o Estrangeiro - como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza dessa cultura (BERMAN, 2007, p.28)

Ou seja, ainda dentro do âmbito das discussões a respeito dos desafios éticos da tradução, não efetuar uma tradução que busca restringir esse Estrangeiro é o objetivo ético fundamental da tarefa. É preciso que a tendência reducionista de determinadas traduções seja combatida, apesar de, na opinião do pesquisador, não poder ser negada pois constitui-se como uma realidade histórica.

Se para Berman a “escolha ética é certamente a mais difícil que há” (BERMAN, 2007, p.68) referindo-se à tarefa do tradutor, para além dos desafios teóricos e metodológicos de traduzir, paralelamente, o desafio ético que se manifesta para o tradutor no caso que buscamos analisar é transmitir como o próprio livro *Os Sertões* é fruto de uma escolha difícil e ética de Euclides da Cunha de denunciar estado, exército, igreja e imprensa, em sua visão, todos culpados pela pobreza e pelo subsequente arrasamento de Canudos. Por esse motivo, no prefácio da retradução de *Os Sertões, Backlands: The Canudos Campaign*, há destaque para a posição ética de Euclides da Cunha, considerado como “*independent voice for the media in democracy*” (STAVANS, 2010, p. xiii), não apenas um jornalista que coaduna com a responsabilização dos oprimidos pela própria miséria.

Dessa maneira, podemos concluir que *a priori* ambos os tradutores foram capazes de apreender a dimensão ética da obra de Cunha. O que procuraremos agora é ilustrar como e se essa percepção afeta nas escolhas teórico-metodológicas de cada um.

A questão do título e a formação do cânone literário: Desafios teórico-metodológicos e éticos na tradução de *Os Sertões*

Nesse ponto, vamos focar em um exemplo prático que ilustra como as opções teórico-metodológicas (e éticas) do tradutor podem afetar drasticamente na recepção do público alvo de determinada obra. Por ser o primeiro ponto de contato entre os leitores e a obra traduzida, vamos destacar os títulos das duas traduções que pretendemos estudar. Para explorar a questão teórico-metodológica da mudança de título que ocorre da obra original para as obras traduzidas, utilizaremos as reflexões de Araújo e Beato extraídas do texto *O signo em transformação na tradução de Os Sertões* (2015):

A tradução feita por Putnam em 1944 recebeu o título de *Rebellion in the backlands*. Nesse caso, já percebemos a elaboração criativa do tradutor pela intervenção que sua escolha faz no título do texto original: houve, sem dúvida, uma mudança na ênfase que antes incidia sobre a paisagem quase inabitável do sertão nordestino e seus

escassos habitantes, ou sobre qualquer outro sentido que possa surgir das leituras do significante *sertões*. O elemento em destaque nessa primeira tradução aponta para o significante *rebellion*, enquanto que a palavra escolhida para traduzir *sertões*, *backlands*, aparece como um complemento a indicar o lugar onde se instalou a rebelião. Essa posição do significante *backlands* em relação aos outros elementos do sintagma indica a escolha iminente do tradutor por contemplar um dos sentidos envolvidos na palavra *sertões*: seu significado restringindo determinado espaço geográfico. As escolhas tradutórias privilegiam determinado campo semântico em detrimento de outros sentidos que poderiam, legitimamente, ser convocados no processo da tradução. A leitura da obra de Euclides permite-nos afirmar que seu título não está limitado à referência geográfica do sertão (ARAÚJO e BEATO, 2015, p. 304).

É necessário explicitar que não há consenso nos estudos da tradução acerca de como proceder com títulos de obras. Diversos teóricos oferecem perspectivas diferentes sobre a questão da mudança de título na tradução. A decisão de alterar ou manter um título depende de uma série de fatores, incluindo considerações culturais, linguísticas e estilísticas, bem como os objetivos da tradução e o público-alvo. Portanto, não existe uma abordagem única e universalmente aceitável para lidar com essa questão e os tradutores devem considerar cuidadosamente cada caso individual. Araújo e Beato colocam em evidência a elaboração criativa do tradutor em sua opção apresentada ao traduzir o título da obra *Os Sertões* para *Rebellion in the Backlands*. As pesquisadoras ressaltam ainda a mudança de foco da palavra “*backlands*” (*sertões*) para “*rebellion*” (*rebelião*). Contudo, além da mudança de foco promovida pelo tradutor no caso investigado em questão, quando analisamos a tradução que Samuel Putnam faz do título da obra tendo em vista a dimensão ética da tradução mencionada anteriormente, percebemos que a inserção do termo “*rebellion*” é totalmente inapropriada pois foca no sentimento ou intenção de revolta dos sujeitos que habitavam os *sertões*, sugerindo que já de antemão estavam em “*rebelião*” sem contudo demonstrar também, ao mesmo tempo, qual o fator que levou os *sertanejos* a se revoltarem. Na realidade, sem apresentar caráter de ataque ou manifestação popular, eles simplesmente retiraram-se das péssimas condições a que eram submetidos, migraram para *sertão* mais adentro. Já

a tradução mais recente para o inglês, intitulada *Backlands: the Canudos Campaign*, considerando o nível puramente significante, apresenta um afastamento considerável em relação à versão de Putnam, na medida em que se aproxima mais do original no que diz respeito ao título. O foco no título de Putnam incide sobre o signo *rebellion*, atribuindo, assim, uma menor importância ao signo *backlands* em relação ao primeiro. Ao contrário do que acontece com a palavra que traduz *sertões* nessa versão, no título de Elizabeth Lowe ela aparece como o elemento principal, como a única palavra do título seguida de um subtítulo. Há, portanto, o deslocamento do foco que incidia sobre uma rebelião, uma revolta por parte dos *sertanejos* e passa a manifestar-se sobre uma campanha militar, um plano estruturado da civilização para atacar aqueles que eram vistos como bárbaros que habitavam aquela terra inóspita. (ARAÚJO e BEATO, 2015, p.305).

Na opção de Lowe para traduzir o título, o foco nos sertões permanece, acrescido da informação no subtítulo “*The Canudos Campaign*”, ou seja, “A Campanha de Canudos”. Devemos atentar que com a mudança de título, temos também uma mudança na origem e no alvo da violência. Lembremos que *Os Sertões* eram uma amarga denúncia da chacina cometida pelo governo. Ser fiel a essa camada de sentido que Euclides da Cunha buscava instilar em sua obra, corresponde a agir conforme a explicitada ética da tradução que buscamos discutir anteriormente. Para ser fiel à letra do livro, não há outra possibilidade que não seja demonstrar que a campanha do exército era a responsável pela violência da qual Canudos era o alvo, diferentemente do que sugere o título da tradução de Putnam. Dessa maneira, fica claro que, ainda que os tradutores sejam capazes de perceber a perspectiva ética que Euclides da Cunha busca imprimir em seu texto, nem sempre, na prática, as opções teórico-metodológicas para traduzir irão coadunar com as intenções de Euclides com seu livro vingador.

Essa análise é importante porque os tradutores desempenham uma função fundamental na introdução e na difusão de obras literárias de uma cultura para outra, o que pode influenciar diretamente na formação dos cânones literários em diferentes regiões e línguas. O papel do tradutor na formação dos cânones literários é significativo e complexo. Para Elizabeth Lowe, “*translation is thus always interpretation, and indeed translations are often responsible not only for the longevity of a work but also for bringing the original and the translation into their respective canons*” (LOWE, 2014, p.414). Assim, injetar nova vida na obra original atualizando-a através de novas perspectivas e interpretações conservando características inerentes a essa obra, necessariamente, relaciona-se com escolhas teórico-metodológicas e éticas de cada tradutor. Essas escolhas, vão desde os títulos (como verificamos nos casos analisados) à recontextualização fornecida pelos tradutores nos paratextos de seus livros que funcionam como pontes mediadoras entre a obra original e o seu novo público alvo.

O escritor sempre deixou manifesta a sua pretensão de que seu livro fosse uma obra de arte integrante da literatura mundial e, para tanto, deveria ser traduzida para diversos idiomas. Traduzir Cunha é ser fiel ao projeto que ele tinha para seu livro, e nesse sentido, tanto Putnam quanto Elizabeth logram êxito em cumprir essa tarefa amplificando o alcance de sua mensagem. Autores, tradutores e suas traduções podem se estabelecer em uma cultura diversa como novos cânones e novas obras canônicas. Essa promoção de autores e de obras brasileiras no sistema cultural e literário de língua inglesa projeta Euclides da Cunha e *Os Sertões* em um

novo panorama, possibilitando uma repercussão internacional da amarga denúncia tal como ele havia visado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Aryadne Bezerra de e BEATO, Zelina Márcia Pereira. O signo em transformação na tradução de Os Sertões. Revista (Con)Textos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. –v. 9, n. 12(2015). Vitória: PPGEL-UFES, p.294-309, 2015.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Rio de Janeiro, RJ, 7Letras, 2007.

CUNHA, Euclides da. *Backlands: The Canudos Campaign*. Título original: Os Sertões. Tradução de Elizabeth Lowe. Prefácio de Ilan Stavans. Nova York: Penguin Books, 2010.

CUNHA, Euclides da. *Rebellion in the backlands*. Título original: Os Sertões. Tradução de Samuel Putnam. Chicago: The University of Chicago Press, 1944.

LOWE, Elizabeth. A tradução sem fronteiras: perspectivas internacionais sobre práticas em transição na teoria e pedagogia da tradução. Cad. Trad., Florianópolis, v. 36, nº 3, p. 17-33, set.-dez./2016.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n3p17/32406>

Acesso em: 13/09/2023.

LOWE, Elizabeth. *Revisiting Re-translation: Re-creation and Historical Re-vision*. In A Companion to Translation Studies (eds S. Bermann and C. Porter), 2014. <https://doi.org/10.1002/9781118613504.ch31>.

MILTON, John. A tradução de Samuel Putnam de Os Sertões- Rebellion in the Backlands, de Euclides da Cunha. Pandaemonium Germanicum.n.1, p.181-185, 1997.